O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 33.º — Sábado, 31 de Agosto de 1940 — N.º 1644

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

Remodelação ministerial

Acabam de ser exonerados de ministros da Justiça, Finanças, Educação Nacional, Comércio e Indústria e Agricultura, os srs. drs. Manuel Rodrigues, Oliveira Salazar, Carneiro Pacheco, Costa Leite (Lumbrales) e Rafael Duque, tendo êste nomeado ministro da Economia e passando o sr. dr. Costa Leite a ocupar a pasta das Finanças.

Foram nomeados ministros da Justiça e Educação Nacional, respectivamente, os srs. drs. Vaz Serra e Mário de Figueiredo.

Excursão a Lisboa

Vai realizar-se no próximo mês, em combóio rápido especial, que deve partir desta cidade no dia 22.

Por essa ocasião o Grupo Cénico do Club dos Galitos representará, no Coliseu, a fantasia regional *Môlho de Escabeche*.

PELO TEATRO

Está anunciado para quinta-feira da próxima semana um único espectáculo pela Companhia de que fazem parte Mirita Casimiro e Vasco Santana, que ainda há pouco aqui veio.

Levará à cena a revista *Olaré, quem brinca!*

Elogio do Moliceiro

pelo Dr. Alberto Souto

Diz-se que foi Osoüs, salvando-se na água, sôbre um tronco flutuante, do incêndio que devorava as florestas de Tyro, quem inventou o primeiro barco...

Transmitiu-nos esta lenda, recolhida uns dois mil anos antes de Cristo, o fenício Sanchoniaton, que nos fala da jangada, essa engenhosa aliança de troncos, tão natural, tão útil e tão fácil que perdurou até nós.

Efectivamente ainda hoje se formam jangadas nos rios para o cómodo transporte das madeiras que descem as correntes, como sucede nos longos e caudalosos rios da Rússia, no Neva e no Volga, e entre nós mesmos no portuguesíssimo Vouga. Mas o que torna célebre essa associação de lenhos é o facto de ela ter na história trágico-marítima uma crónica de inúmeros salvatérios, infinitas emoções e não poucos horrores.

Quem não conhece o *Radeau de la Méduse*, o famoso e terrível quadro de Géricault, que na parede da *Salle des États*, do Museu do Louvre, clama o último socorro e vislumbra a última esperança daquele punhado de míseros?

Já na *Odissea*, o grande Ulisses, arrolado sem barco nem companheiros à ilha da bela Calipso, encontrou na jangada que a própria Ninfa enamorada e triste lhe ajudou a construir, o meio de continuar a sua viagem através dos mares em demanda da Grécia, afrontando a cólera de Neptuno e o ódio de Palas.

Perfeita como no-la mostra o poema, fabricada com madeiras preciosas afeiçoadas pelo ferro das ferramentas — *pinheiro que tocava as núvens, amieiro e choupo da floresta antiga, bem sêcos pelo calor do sol e pelo número dos anos* — e com seu aparelho complicado, a jangada descrita por Homero, era um simples recurso de náufragos ou navegadores primitivos e não a última palavra da construção nos tempos em que a arte naval já dispunha da técnica e dos recursos com que se construiram as fortes e impávidas naus da expedição de Troia e das navegações dos Helenos.

E quando o pio Eneas aportou às praias do Lacio e promoveu a regata que a pena de Vergílio tão vivamente nos pinta nos eternamente belos versos da sua Eneida, já os navios eram obra adeantada de construtores e mareantes cultos.

Quem sabe lá, pois, a vez primeira que o homem, deixando a caverna, a montanha, a praia, a terra firme, atraído pelo correr da veia líquida dum rio, pela serenidade do lago, pelo rolar da onda, se aventurou sôbre as águas, agarrado a um tronco ou de pé, sôbre o arremedo de um barco, inventou a vara ou descobriu o remo?...

. . . .

Pois entre os barcos mais curiosos e expressivos de todos os tempos e de todo o mundo, um há que pode afoitamente apontar-se e distinguir-se — é o *moliceiro*, que vive entre nós nas águas salgadas e salobras da Ria de Aveiro, junto ao mar e ao delta do Vouga.

Dos barcos da Ria êle é o mais pitoresco. E os barcos da Ria teem todos formas elegantes, características, inconfundíveis. Essas formas, ou são reminescências e adaptações do talhe bizarro de navios que no alvorecer da nossa história por aqui passaram, ou uma criação hábil e feliz de construtores artistas que viveram e se sucederam nas margens dêste estuário.

As fisionomias dos barcos da Ria de Aveiro, a-pesar-de diversas, como diversos são os fins a que se destinam e os trabalhos em que se empregam, teem um ar flagrante de família. Mas em todos êles as linhas são harmónicas, proporcionais e delicadas. Um artista que fôsse chamado para embelezar a obra do construtor, não delinearia melhor, nada teria a corrigir, porque nestes barcos não há que modificar, há apenas que copiar bem, sem alterar em coisa alguma o seu perfil airoso, gracioso e cheio de carácter.

E' por isso que eu sou sumamente exigente com os artistas que os retratam ou miniaturisam e com os decoradores que os utilisam nos seus arranjos ornamentais; e é por isso que, tantas vezes, me irrito com as estelisações que os deturpam.

Estelisar um *moliceiro*?! E' um atentado contra a beleza original da sua forma, que é já de si uma estelisação admirável, e contra o seu bom gôsto inato, perante o qual o estelisador há-de sempre sossobrar!...

Tenho visto no Tejo, no Douro, no Sado, e no Mondego, nas rias da Galiza e nos abrigos do Cantábrico, no Adour, no Sena, no Reno, nos canais da França e da Bélgica, nos lagos suiços, embarcações de tráfego fluvial, que são um misto de formas, anodinos híbridos, vadios de mil profissões, mestiços de raças diferentes e inclassificáveis.

Na Ria de Aveiro, não. Cada profissão tem o seu tipo e os tipos são inconfundíveis: o *saleiro*, o *moliceiro*, a *bateira mercantel*, a *bateira marnoteira* e *pescadeira*, a *caçadeira* não baralham as suas funções, nem anarquisam a sua utilidade, nem abastardam ou mestiçam a sua estirpe.

Mas entre todos, o *moliceiro* marca o lugar proeminente no pitoresco e na beleza das formas e tornou-se como que o grande motivo heraldico do brasonário livre dos povos ribeirinhos.

Bem merece, pois, um elogio, êste barco dileto da Ria e da gente da *marinha*.

* * *

Veloz como nenhum outro, não há quem à pôpa lhe passe àvante ou quem o vença a bolinar, subindo contra o vento em *bordos* inverosímeis.

A sua borda parece andar debaixo de água; os seus tripulantes, puxando à vara, empurrando com o peito virado à ré, curvados, arqueados, quási deitados, andando da prôa à testa, parecem caminhar sôbre um destrôço de naufrágio poisado nas águas.

Quando o vento ajuda, o fundo dá e o moliço abunda, mastro arriba, vela no tôpo, caça-se a escota, amura calcada, ancinhos a arrastar... e êles aí andam, aos bandos, aos cardumes, como gaivotas de azas brancas que nadassem de dorso ao sabor do vento.

A' prôa e à ré, de um lado e de outro, os paineis com espantosas cercaduras policrómicas de motivos geométricos, flores e ramalhetes pintados em côres berrantes, ingénuos de concepção e, por vezes, ingenuamente maliciosos.

Dentro de um escudo com corôa real no cimo, uma santa de mãos postas, vestes muito cintadas, largo manto caído: *Ora bamos lá com Deos!* — reza a divisa. *Mestre Jose de Matos me fez.* Um figurão de grande decalitro na cabeça, oferece uma rosa à dama inexpressiva: *Arreda que te ispeto.* Uma média môça de enormes seios esféricos e sintomas de próxima maternidade: *As molheres quer-se boas.*

Freqüentemente não há a menor relação entre a divisa e a figuração do painel. Uma locomotiva marcha sôbre uma estrada de flores e o distico grita: *Ora biba a rapaziada do moliço.*

Mas também aparece a nota política, e o rei D. Manuel, Afonso Costa, Sidónio Pais, o sr. dr. Salazar tiveram já a sua consagração na iconografia dos barcos moliceiros.

E tudo é feito por artistas de traço infantil, distribuindo as côres com riqueza e vivacidade singulares, disparatadas, berrantes, sem meias tintas nem claro escuro, com uma imaginação e uma técnica que só podem ver-se em certos ornatos prehistóricos e nos pintadores das *alminhas* que mãos piedosas colocam, por mera devoção, nas veredas da montanha ou junto aos caminhos da planicie nos sítios ermos onde morreu gente.

* * *

O obscuro estaleiro onde êle nasce, é quási sempre improvisado num alpendre dêstes lavradores anfíbios em que Oliveira Martins reparou e que tão bem sabem guiar bois na leiva como o barco na ria ou no mar; mas arma-se também na própria rua do lugarejo ou no esconso da margem entre canízia e *estrumes*.

Os estaleiros permanentes são um luxo da construção organisada e só se encontram na Murtosa e Pardilhó.

Em qualquer caso, é sôbre estacas que se estendem as compridas tábuas do fundo, recurvas na prôa e na ré. Depois encaverna-se, guarnece-se, calafeta-se, embrea-se, pinta-se.

Pronto, aí vão buscá-lo, levando-o até à água com grande alarido, fazendo-o deslisar sôbre rôlos de madeira, puxado por duas juntas de bois possantes, lentos e corpulentos, da ruiva e bela raça marinhã.

E' a *botadela à água*, é o batismo, que se festeja sempre emborcando alguns picheis dêsse vinho da Bairrada, que é grosso como pão e trepador como o sarmento coleante da própria cêpa e que anima a faina e vigorisa o braço, e dá alma e fôrça a quem pucha pelo corpo nos trabalhos rudes da terra, do mar ou da laguna.

Zunem e estoiram os foguetes de nove respostas, com algum tirito de clorato ou morteiro de dinamite à mistura... e poisa na Ria um novo *moliceiro*, capaz de causar ciúmes aos alcions, às gaivinas e às gaivotas pela vela que branqueja e adeja como a aza, pela rapidez dos bordos à bolina, pelo bico recurvo de ave marinha que se volta para traz como que escarninho dos que lhe andam no encalço.

Não demora o começo do seu labuto: vai tomar número à Capitania e ála para as ilhas e praiões, que ninguém o fez para luxo nem para apodrecer nas delícias da mandria e da quietude da *malhada*.

Quando o mestre lhe deu os últimos retoques e lhe enfeitaram a prôa e a ré com os paineis policromos, logo se ultimou o aparelho da vela de lona branca e preparou um mastro roleiro que é uma esmeração.

A câmara dos tripulantes e o paiol dos mantimentos são na prôa, onde os dois *camaradas* que o tripulam se aconchegam no descanso do fim do dia, nas noites borrasquentas passadas lá pelo largo, e onde *se encostam*, para dormitar, nas tardes de vento fresco em que o frio da nortada cortante e desabrida lhes regela as carnes bronzeadas.

E aí vai êle ao seu destino para o trabalho que só acabará quando um dia, carcomido e vèlhinho, sem aguentar mais o maço do calafate, lhe deceparem a cabeça para servir de cabana de guarda — num aido ribeirinho ou no malhadal das marinhas.

De facto, pela Ria fora, lento à vara e ligeiro à vela, o *moliceiro* passa a vida a trabalhar, grangeando o pão dos seus e arrancando aos fundos lodosos a riqueza dos prados submersos formados pelas algas e fanerogâmicas de corpo flexível e ondeante, gelatinoso e verde.

E' um rico da remediada pobreza em que tudo por aqui vive, porque ainda vale uns centos, mas não passa nunca as fronteiras da humildade em que nasceram aqueles que o manobram e tanta utilidade dele auferem.

Ignorado do mundo, modesto e pobre, vive neste cantinho do Ocidente, visinho do Atlântico, feito comparsa do drama de trabalho e virtude que se desenrola nas suas costas.

Ninguém enalteceu nunca perante o público do grande mundo o encanto das suas formas; nenhuma história romântica ou heroica deu relevo às suas linhas.

O *moliceiro* vive para aí ao Deus dará como tudo o que é nosso, e anda perdido pelas rias, pelas cales profundas, pelos esteiros baixos, pelas praias e pelas malhadas, ao vento e ao relento, animando a païsagem da marinha e dizendo adeus aos montes de sal, encalhando nas corôas à espera da maré e dormindo nos juncais à espera do carrêgo, baloiçado pela marêta, corrido pela nortada, empurrado pela vara, ajoujado de moliço e de lama viscosa e peganhenta.

E' o património, o orgulho e o ganha pão dos *mirões*, do *marinhão* ou do *labrego*, *gente do rio*, tostada do sol, musculosa das carnes, arrevesada de manhas, falando a sua giria, empregando o seu calão, experimentada, às vezes, pelo pulso da Capitania que lhes reprime os desmandos e pune as transgressões, e entre a qual nós supômos vêr passar, metidas no branco duma camisa que lhes substituisse o alburnoz, as figuras dos últimos moiros...

Que em verdade bem podia um resto da moirama ter ficado a proliferar por aí, esquecida nesse areal imenso das Gafanhas e de Vagos, onde há olheiros que engolem cavalos e dunas movediças a que o vento todos os meses muda o poiso e onde o pinhal das fímbrias, numa païsagem de sertão e deserto, tem um tom escuro e misterioso que nos faz lembrar irresistivelmente as velhas plagas africanas..

Este barco do qual Raúl Brandão disse não conhecer outro *mais artistico, mais leve e mais adequado às funções que exerce e à païsagem que o circunda*, ou seja pequenino como os de Fermelã e Canelas, para poder manobrar pelos esteiros salobros e pelas valas de dreno dos campos que a linha férrea atravessa, ou seja grande e altaneiro de prôa como os saídos dos estaleiros lá do norte; negro e sujo como os velhos emboldriados de breu que nunca tiveram floreados picturais ou a quem os amanhos repetidos levaram os paineis; ou amarelinho e reluzente, juvenil e garrido de pez loiro e da madeira nova, sempre donairoso e elegante, e é o barco mais típico das águas beiramarinhas e, por certo, um dos mais originais do mundo todo!

Ah! Se êle fôsse de outra gente e vivesse noutro país, a fama que não teria!...

Mais leve e movido a remo, seria rival da gôndola que empresta aos canais da Veneza hodierna — cujo encanto moribundo Maurice Barrés tão bem sentiu e traduziu — a nota evocativa da sua vida e da sua alegria passadas.

Veneza é, em verdade, uma cidade morta, de passado morto, de palácios mortos, de águas mortas, túmulo de tradições, de histórias e de crimes, a que a vida de hoje não consegue tirar o melancólico ar das galerias dos museus onde se guardam múmias, túmulos vazios, pedras epigráficas e joias do passado.

Já Lord Byron encontrara o Adriático viúvo, chorando o Doge seu espôso, e desferira magoadas lamentações vendo erguido sôbre a coluna magestática, como um irrisório símbolo, o leão alado de S. Marcos, quando o seu poder se sepultara para sempre no lôdo da laguna.

Só a gôndola, movendo-se nos canais dolentes conserva a vida antiga nesse cenário deslumbrante de magnificências idas, a que nem os próprios quadros do Tintoreto e de Veroneso ressuscitam o antigo poderio porque apenas conservam a sombra da Arte que ali se fez!

O cenário em que o *moliceiro* se move, êsse, é humilimo, mas é pujante da vida que a tôda a hora se renova pelo afan contínuo dêsse formigueiro de barcos e de gentes que pululam pela Ria enorme.

Se o *moliceiro* nunca viu passar por si o *Bucentauro* empavesado e flamante, majestoso e heráldico, levando o Doge ao casamento com o Mar, num cerimonial de fausto e de riqueza dos heróicos tempos medievos, já abrilhantou festas de reis e recepções esplendorosas.

O que êle nunca ouviu foi a voz de Goethe sedento de luz, nem as estrofes do *Child Harold* na lira dum génio.

Nem Shakespeare teceu uma tragédia nas águas que êle sulca e nas casitas que êle enxerga, nem Castelar nêle falou quando descreveu em opulentas páginas as loucuras de amor que junto dos canais venezianos praticou o poeta e estróina sublime de que êle fez a grande biografia!

Não sentiu os passos de Chateaubriand, nem os ralhos de Musset e George Sand; não ajudou a inspiração do *Tristão e Isolda*, nem recolheu o último suspiro da alma de Wagner, nem entrou no *Fuoco* de d'Annunzio para conduzir à festa regia o poeta Estelio Effrena e a dolorosa e dôce Foscarina!

Não vê *S. Marcos* nem os arcos góticos do *Palácio Ducal;* não pára nas escadarias da *Chiezza della Salute* nem vai a *S. Giorgio Maggiore;* não passa o Rialto nem a *Ponte dos Suspiros;* não desliza no *Lido* nem faz as serenatas do *Grande Canal*.

A' sua graça e à sua beleza, faltam os mármores e os monumentos, faltam os mercadores e os guerreiros, os poetas, os pintores e os patricios, o brocado e a purpura da antiga República!

Por isso lhe falta a fama.

Mas o que não falta à sua pobreza é a beleza, que a tem de sobejo!

* * *

Bico de pássaro marinho! Corpo do palmipede vogando! Vela que lembra a aza distendida e adejante de aves atlânticas e de voadores dos oceanos!

Êste barco só pode viver numa ria que comunique com o mar largo e transcontinental donde receba o hálito salgado e vivificante que sopra da imensidade das águas.

Quero crêr que enclausurado num lagoacho fetido e marasmático da borda de um mediterrâneo, sofreria a deformação dos seres habissais e deixaria de ser esbelto para se tornar um monstro.

Esta païsagem é o seu *habitat*, o seu mundo e a sua vida.

Casou-se com ela e maravilhosamente lhe quadra esta largueza, esta planura de amplo golfo preenchido pelos sedimentos das terras sobranceiras, êste horizonte vastissimo a que só o pano de fundo das serranias rôxas, lá ao longe, põe um termo, e por onde a sua vela branca e a sua prôa altiva vagabundeam entre o verde da água salsa, o azul do céu anilado e a névoa opalescente do horizonte, sentindo o saltar das tainhas a banharem-se no ar vivo e o planar das gaivotas que brincam pelo espaço, desdenhosas do ruido dos aviões de guerra que ali construiram o seu ninho.

Mas não tem a fama nem a glória da gondola, insisto, porque lhe falta o cenário de grande ópera da opulência veneziana, a tradição e a história, o luxo e a arte, a pedra e o oiro da velha cidade dos Doges e o renome mundial das obras geniais.

E' o que me contrista e quási me desespera!

Na pobreza e simplicidade que o cercam, o mais que êle vê, é o Forte e a casa de Sama, S. Domingos e S. Gonçalo e o telhado piramidico da bonita capela poligonal do Senhor das Barrocas, que lembra os batistérios de Pisa e de Florença; são as tôrres duplas de Ilhavo e Vista-Alegre e as tôrres simples de Vagos e Sôza, Verdemilho, Aradas, S. Bernardo, Esgueira e Cacia, da Murtosa, Bunheiro, Pardilhó e Ovar, da Gafanha da Nazaré, do Carmo e dos Cazeiros, as chaminés fumegantes das fábricas de porcelana e de cerâmica vermelha, os campanários das igrejas e capelitas da zona das colinas ou as ermi-

Um *moliceiro* vogando em plena ria

Ainda o papel

Este negócio do papel de jornal é muito interessante...

Fizemos uma encomenda a determinada casa do Porto em Abril. Nessa altura disse-nos o viajante que a quantidade pretendida devia orçar por 3.300$, pouco mais ou menos. Mas como as fábricas não fornecem a prasos fixos e o preço *será o que vigorar na data da entrega*, aconteceu que, depois de quatro mêses de espera, a remessa passou a custar tanto como 4.515$00!

Pregunta-se: não teria a fábrica executado logo a encomenda para a deixar de remissa até agora, de modo a justificar tão elevada diferença no preço?

Este negócio do papel de jornal é muito interessante...

Por se assemelhar extraordináriamente aos negócios da China...

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

Além túmulo

Albano Coutinho

Fez ontem cinco anos que morreu, em Mogofores, esta veneranda figura da República, que tanto honrou o nosso distrito.

O Democrata homenagia a sua memória.

O TEMPO

Continua a estiagem, não se vislumbrando o mais leve sinal de chuva provável.

Mas que séca!...

ORIGINAL

Para dar lugar ao artigo do nosso talentoso colaborador, dr. Alberto Souto, fica de parte o que nos chegou esta semana e não perde a oportunidade.

das solitárias da montanha — a Senhora do Socôrro, em Albergaria; a Senhora de La Salette, em Azemeis; a Senhora do Monte, em Estarreja; a Senhora da Saúde, na Serra de Cambra; a Senhora do Pilar; no crasto do Espinheiro na aba do Arestal; o Castelo da Feira, o Monumento do Bussaco.

De resto, casário que nunca acaba, porque os povoados estão por aí acima agarrando-se uns aos outros e olhando a Ria, em anfiteatro, *como as rãs à volta do charco.*

A'gua, areia, lama, terra, gândara, nuvens... céu e serrania!...

Cenário colossal!...

De noite espreita as luzes lá pelo largo, as queimadas nos montes, as lágrimas de côres do fôgo dos arraiais, os clarões animadores e amigos do alto Farol da Barra...

Já o seu prestigio, como auxiliar magnífico que era do lavradorsito das proximidades da laguna, declinou um pouco com a falta de moliço e as prosápias afidalgadas que se inocularam nos costumes das populações rurais outrora tão rijas e tão parcas, e que agora acham quesilento o *andar ao rio*, preferindo os adubos químicos ao fertelizante e gôrdo moliçame.

De centenas de barcos que aportavam nas malhadas de Esgueira e Santos Mártires, de S. Tiago e S. Pedro, do Eirô e de Ilhavo, já pouco resta.

Cresce a bajunça na lama dos esteiros e as praias dêsses lados perderam a graça das velas que iam cambando nas curvas quando voltavam com a sua *maré de moliço* ao caír das tardes estivais.

Extinguiu-se a algázarra das malhadas, dispersou-se o magote dos *varredores* endiabrados, deixaram de passar pelas ruas longas das aldeias, pingalhando e chiando, as procissões interminas dos carros que *acartavam*.

Porém, nas margens da Gafanha, desde a Vista-Alegre ao Oudinot, da Cambeia à Senhora da Maluca, da Vagueira ao Arião, e lá para as bandas do norte, nas penetrações fluviais que vão até ao paúl do Carregal, o *moliceiro* mantem-se ainda firme e dominante sobre as águas do estuário, levando às terras de areia a argila e o *humus* que lhes faltam.

Ao domingo, lavado e prazenteiro, chega-se às vilas e à cidade e aparece-nos como um romeiro vindo à festa dum santo ou ao culto de Pan, de ramalhete de flôres no bico da prôa e no cucuruto do mastro, sua bandeirola na vela nova, carregado de frutos e *novidade* da lavoira.

Trás seus luxos e suas comodidades, esteiras de bunho no fundo, tapando as cavernas, e, sentadas à ré, nedias cachopas de sáias fartas, presas na cinta por uma faixa vermelha, grilhão macisso ao pescôço, arrecadas nas orelhas, cantam ao desafio quando a rapaziada na sua harmónica ressuscita a Ribaldeira.

D'Annunzio deliciou-se, vendo as gondolas cheias de frutos num deslumbramento pagão, pelos canais venezianos.

Pois o *moliceiro* possui também uma graça especial, revelando-se como o verso duma ode, quando se apresenta com a sua carga de couves de verde glauco, amarelas ou rôxas batatas roleirinhas do areal, melancias e melões deliciosos, abóboras meninas para as papas dos Santos, laranjas e figos, vagens verdes, cebôlas douradas, milhinho e feijão a êsmo, tôda uma fortuna de Ceres e de Pomona que do S. João ao S. Miguel o braço do gafanhão e do murtoseiro arrancam dessas areias ainda ontem virgens e estereis e alvadias e já hoje escuras de humus, riquissimas e uberrimas.

Depois, na volta, vai carregado com mobiliário envernizado e fazenda das lojas para alindar as casas do gentio ribeirinho e vestir os cachopos nas vésperas do festejo da terra.

Nêsses dias, de festa, os barcos *moliceiros* apresentam-se janotas quando entram à tardinha ou ao lusco-fusco da manhã pelo Canal das Pirâmides e vêm encostar, todos anchos, às linguetas do cais no canal do Rocio ou na doca do Côjo.

Parece que sorriem de orgulho e parece que nos falam e saúdam — os *barcos moliceiros!*

Em verdade, nos dias de festa, pelo S. Tomé de Mira e pelo S. Paio da Torreira, pela Senhora da Saúde da Costa Nova e no *dia da Barra*, pela Senhora das Areias de S. Jacinto e pela Feira dos Barcos em Março, no canal da cidade, os *moliceiros* surgem floridos, asseados, limpos; vêm de romaria, saindo de todos os cantos da laguna, enxameando os rios e os esteiros, e juntam-se aos pares, às duzias, aos centos, e fazem arraial na água, continuando o arraial da terra.

Sôbre êles a *malta* ri, canta, namora e negoceia; dança sôbre a prôa num á vontade e numa despreocupação que dá saúde ver.

Famílias inteiras dormem dentro com a vela armada em toldo, e durante três dias, às vezes, ali cozinham e ali comem, como se tôda a sua casa e fortuna ali estivessem, dando às margens e à Ria, aos estuários e aos cais, um tom de festa e movimento, um aspecto de acampamento flutuante, uma côr tão pitoresca, original e interessante como dificilmente poderá achar-se noutra região marinha e lagunar do mundo todo!

* * *

Há anos, ao escrever sôbre a estética dos barcos da Ria, lamentava-me eu, parafraseando António Nobre, por não virem pintar a êste país curioso, os pintores do meu País.

Felizmente agora já exulto, porque começaram a aparecer artistas que souberam passar pela paleta a sua magia e traduzir no desenho e na côr o seu encantamento.

Alguns modêlos passaram as fronteiras. Um dia chegará em que a sua fama corra mundo e se universalise.

A' sua pobreza não falta a beleza que é sobeja para cativar todos os olhos sedentos de graça e todos os estetas por mais conturbados que sejam no seu anseio.

A hora da grande fama virá com o estro e o génio de artistas universais da pena ou do pincel que aqui aportem e, em momento propicio de inspiração, saibam explorar, perante o mundo, o filão de oiro dêste tema excelente que é o nosso *moliceiro!*

Carta de Lisboa

Acção necessária

Na reünião, há pouco realizada no ministério da Agricultura dos técnicos encarregados de executar o plano de acção para o corrente ano agricola, o sr. dr. Rafael Duque, ilustre titular daqueln pasta, fez um apêlo a todos os seus colaboradores para que empregassem os melhores esforços no sentido de conseguirem que a nossa produção agricola seja, no corrente ano, de molde a conseguirmos tudo quanto necessitamos para o nosso consumo, de modo a podermos fazer face às naturais dificuldades provindas da hora anormalissima que o Mundo atravessa e a cujos efeitos, por mais que queiramos, não nos podemos furtar.

E' evidente que a exortação daquele membro do Govêrno constituiu uma ordem, a que, certamente, nenhum dos seus coloboradores, todos pessoas integradas na acção do Estado Novo, se eximirá. De resto, para que assim seja, basta apenas que se continue trilhando o caminho já encetado, o que certamente não deixará de acontecer.

Nação Fidelissima

A nomeação do sr. prof. Doutor Carneiro Pacheco para Embaixador de Portugal junto da Santa Sé, nomeação que em todos os meios políticos foi recebida com o maior e mais compreensível aplauso, veio provar o muito interesse que o Govêrno português põe nas relações com o Vaticano.

O sr. prof. Carreiro Pacheco é hoje das primeiras figuras do Estado Novo. A notabilissima obra realizada na gerência da pasta da Educação Nacional pô-lo na vanguarda dos homens públicos da Revolução Nacionrl. Precisamente por isso, a sua nomeação para nosso representante no Vaticano assume uma maior e especial significação. Portugal regressa, assim, e felizmente, às suas velhas e gloriosas tradições de Nação Fidelissima.

A Exposição vista por estrangeiros

Merece especial relêvo por tudo e até pelo que significa como prestigio português, a opinião, há pouco espandida no *Diário de Noticias* pelo conhecido escritor belga Pierre Goemaere, director da *Revue Belge* sôbre a linda Exposição do Mundo Português.

Disse o conhecido escritor, presentemente entre nós:

«Pregunta-se com ironia no meu país:

— Com que é que mais se parece uma Exposição?

E a resposta é sempre a mesma:

— Com outra Exposição.

Eu que vi as *world's fair* de Nova York, de Paris, de Bruxelas e muitas outras, atrevo-me a dizer que a Exposição de Lisboa constitue, pela primeira vez, um desmentido a êsse gracejo.

Esta Exposição, na verdade, só com ela própria se parece, porque tem uma fisionomia e uma silhueta exclusivas. Tem, sobretudo, uma alma, facto sem precedentes na história das exposições cosmopolitas — a alma lusitana!

E uma Exposição nunca é pequena quando tem uma alma.»

Afirmações sobremodo justiceiras, embora, elas desvanecem-nos pelo que significam de compreensão do nosso esfôrço realizador, pelo que valem como expressão admirável e magnífica do nosso prestigio internacional.

GIL DO SUL

VORONOFF

Esteve, de novo, em Lisboa e fez uma conferência sôbre a enxertia das glândulas dos macacos nas pessôas fracas, esgotadas de fôrças, o célebre cientista, que tanto se ufana de ter servido a Humanidade nos seus anseios de viver, poupando a aos achaques e males de que enferma, sem razão, visto só compreender a velhice aos 80 ou 90 anos.

Voronoff, para muitos, é um idolo. E as glândulas o maior dos inventos.

Deus lhe conserve a virtude...

INTOLERÁVEL

Chega ao nosso conhecimento que a Praça Dr. Joaquim de Melo Freitas, aonde se reunem tôdas as manhãs as leiteiras, é, às vezes, teatro de cênas impróprias do local, berrando-se desalmadamente e proferindo-se palavrões, aos quais a policia tem obrigação de pôr um freio, como lhe compete.

É preciso atender a quem mora em volta e ainda aos hóspedes do *Arcada Hotel*, a êstes, principalmente, por não serem da terra e desejarmos que dela só levem bôas impressões.

Necrologia

Com a proveta idade de 90 anos, deixou de existir, no último sábado, Capitolina de Sousa Maia, que há muito tinha enviuvado.

O seu cadáver foi sepultado no cémiterio central.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: àmanhã, a interessante Cesarina Leitão, irmã do nosso amigo dr. Humberto Leitão, médico local, e a sr.ª D. Maria Filomena Sobreiro Vidal, esposa do sr. dr. Carlos de Almeida Vidal, facultativo municipal na Costa do Valado; no dia 2 de Setembro, a sr.ª D. Julia da Costa Crêspo e Silva, esposa do nosso amigo Alvaro Ferreira da Silva comerciante na Batalha, e Mário Vieira da Costa, estudante no Porto e filho da sr.ª D. Violeta Vieira da Costa, residente em Luanda (Africa Ocidental); em 3, os srs. Ernesto António Correia, chefe da filial da Caixa Geral de Depósitos e Arnaldo Alves dos Santos, de Coimbra; e em 6, o sr. Luís Manuel Rodrigues, funcionário do Secretariado da Propaganda Nacional.

Praias e termas

Partiu com a esposa para as Termas de S. Pedro do Sul o nosso presado amigo António Madail e para a Costa Nova segue hoje, com sua irmã, a sr.ª D. Maria Trancoso Magalhães.

— Desta praia regressou a Abrantes com a família o sr. tenente Pereira dos Santos.

— Com sua esposa e de passagem para o Luso abraçámos, nesta cidade, o nosso bom amigo, dr. António Leitão, coronel-médico residente na capital.

Partidas e Chegadas

Estiveram nesta cidade os srs. Leodgário Augusto de Bastos, residente em Evora e António Gonçalves de Sousa, de Cacia.

— De regresso de Melgaço, tem estado, com a família, a passar uns dias em casa do seu e nosso velho amigo, sr. José Moreira Freire, o sr. António Coelho, que hoje segue para a capital, aonde reside.

— Para Silva Escura (Sever do Vouga), parte hoje, com a família, o nosso amigo Alexandre dos Prazeres Rodrigues, que ali permanecerá até o fim de Setembro.

Doentes

Acentuam se as melhoras da esposa do nosso amigo Jeremias Moreira, que entrou em franca convalescença.

Correio do jornal

Sr. dr. Hermes Ala dos Reis — *Moçambique.*

Em nosso poder a sua carta de 3 de Julho com o cheque que a acompanhava para pagamento da assinatura.

Agradecemos e enviamos o recibo.

Secção Desportiva

Natação

O festival desta salutar modalidade, realizado na noite da penúltima sexta-feira, atraiu ao Rossio numerosa assistência que aplaudiu os nossos nadadores e bem assim o polaco Ianus e Mário Simas e Azinhais dos Santos, do *Algés e Dáfundo*.

O *Beira-Mar* contratou aquele ex campeão da Polónia para aqui vir treinar os aveirenses.

* * *

Também no domingo se deslocaram desta cidade ao Pôrto alguns nadadores que tomaram parte na *Milha da Foz*.

Ganharam a *Taça Alves da Costa*.

Contra o nudismo

Começou na segunda-feira a exercer-se uma rigorosa fiscalização em tôdas as praias portuguesas com o fim de pôr côbro aos abusos que se estavam praticando sem respeito pelo decôro, pela decência e pelos bons costumes. Assim, tôdas as pessôas, nacionais ou estrangeiras, que compareçam ou permaneçam em trajos ou atitudes que ofendam a moral pública, ficam sabendo — serão detidas sem quaisquer preâmbulos.

As coisas são bem claras: não sera permitido o uso de fatos sem alças ou suspensórios, nem de fatos transparentes de algodão, que, uma vez molhados, se colam por completo ao corpo. E às senhoras é proibido separar o fato em duas partes.

Muito bem. Louvamos a resolução do sr. Ministro do Interior contra tudo que nas praias se estava passando de indecoroso.

Abaixo a pouca vergonha!

Cartas a uma amiga de longe

Agosto, 940

Minha querida:

Madrugada.

Da minha janela, sobranceira ao mar, distingo vagamente umas sombras que deslisam barra em fora. Pequeninas manchas negras balouçadas pelas ondas, vão-se perdendo da vista, lá longe, na imensidão.

Quem terá a temeridade de, aos primeiros vislumbres da manhã, aventurar-se ao mar, em barquitos tão pequenos e tão frágeis? Só os rudes marinheiros da nossa costa, êsses homens que na luta de todos os dias, arriscam a vida, sem mêdo, sem um lamento, sem queixumes, sem invejas daqueles que, a essas horas da madrugada, dormem, ainda, a sono solto.

Aqueles pescadores enrugados e que de tanta luta com as ondas já cheiram a maresia, são bem os sucessores daqueles outros que, em frágeis caravelas, e por mares ignotos e climas desconhecidos, *deram ao mundo novos mundos*, deram a Portugal mais Portugais, deram aos portugueses fama e glória, deram aos vindouros nobres exemplos, mostraram à posteridade a valentia da nossa raça.

Dêsses marinheiros de outras eras herdou, de certo, a nossa gente êsse amor pelo mar, essa bravura que todos os dias é posta à prova, essa certeza na vitória, na labuta diária e que nem sempre é coisa fácil de alcançar.

São muitos dos nossos marinheiros que naqueles barquitos de velas enfunadas, partem para os bancos da Groenlândia. Sulcam os mares em tôdas as direcções e ao mais remoto cantinho do mundo chega sempre um pescador ou marinheiro português.

Que vida incerta e arriscada, santo Deus!

Partem. Mas voltarão?

A's vezes, na hora da largada, o mar está calmo, tudo é serenidade, parece que a maldade, a vida, o ruído se afastou do mundo. Eles lá vão para o mar, confiantes, sem receios. E no entanto, quantas vezes já não voltam! Uma tempestade repentina, uma volta de mar e, como conseqüência, luto, lágrimas, sofrimento...

Valentes marinheiros e pescadores da minha terra: vós inspirais-nos sempre carinho e admiração! Os nossos olhos seguem-vos e o nosso coração bate, com fôrça, ao ver-vos partir, quer sigais nos frágeis barquitos de tabuas enegrecidas, quer nêsses barcos de guerra, que asseguram a independência de Portugal.

E assim, como vós herdastes dos heróis de antanho aquela intrepidês e valentia que passou à lenda, nós, as mulheres portuguesas, herdámos das nossas antepassadas, o carinho, o orgulho, a admiração e uma fé cega na vossa indómita coragem.

Um abraço da

Zèmi

Correspondências

Esgueira, 29

Para festejar o aniversário do *Recreio Musical* elaborou-se um programa que foi cumprido integralmente. Assim o cross pedestre foi ganho por Lisandro Carvalho, do mesmo club, seguindo-se João Loura, idem, e Elmano Caleiro, da Gafanha. Do desafio de *basket* com o *A. D. Gafanhense* saiu vencedor o *Recreio* por 33-7.

O baile, realizado à noite e abrilhantado pelos *Cariocas*, decorreu animadíssimo.

C.

Missa de sufrágio

Por alma da sr.ª D. Amélia Génio Barata F. de Lima é mandada resar, por seu marido, na próxima sexta-feira, pelas 8,30 horas, na Igreja do Carmo.